

esta solução, reconciliaram-se um pouco mais ao moderno industrialismo e à cidade. Passaram do arcaísmo ao futurismo.

Os críticos futuristas da cidade eram, em sua grande maioria, reformistas sociais ou socialistas. Discípulos do Iluminismo, viram que a fé que depositavam na cidade como agente civilizatório foi severamente prejudicada pelo espetáculo da miséria urbana, sua crença meliorística levou-os para além do abismo de suas dúvidas. O pensamento de Marx e de Engels mostra, em sua mais complexa forma, a adaptação intelectual da visão progressista à era da urbanização industrial. Ambos revelaram, desde os seus primeiros escritos, saudades pelo artesanato medieval de Fichte, possuidor de seus meios de produção e que fabricava seu produto por inteiro. O jovem Engels, em seu *Condition of the working classes in England* (1845), descrevia a condição do pobre urbano em termos um pouco diferentes daqueles empregados pelos reformistas urbanos da classe média inglesa, romancistas sociais e parlamentares da década de 1840. Engels descreveu a cidade industrial realisticamente, evidenciando sua ética sem, contudo, oferecer qualquer séria solução a seus problemas. Nem ele nem Marx, porém, sugeriram que se deveria voltar os ponteiros do relógio, nem sustentaram as soluções da "sociedade modelo" tão defendidas pelas utopias do século XIX.

Após praticamente três décadas de silêncio a respeito dos problemas urbanos, Engels voltou novamente a atenção para este assunto em 1872, tratando-o agora segundo a teoria plenamente desenvolvida do marxismo.²⁰ Mesmo que ainda rejeitasse a cidade industrial existencialmente, afirmava-a historicamente. Contrapondo ao fato de que empregado doméstico ganhava também sua moradia e estava até certo ponto aprisionado como vítima de seu empregador, Engels argumentava que o trabalhador urbano industrial era livre - mesmo que sua liberdade fosse a de um "liberto proscrito". Engels desprezava o modo "lacrimoso de Proudhon" ver o passado da indústria rural de pequeno porte, "que originava apenas almas servis... O proletário inglês de 1872 é infinitamente superior ao tecelão rural de 1772 com seu 'coração e sua casa'". A passagem do trabalhador de "coração e casa" para a indústria e a agricultura capitalistas não representava, na visão de Engels, um retrocesso, mas mais propriamente "a mais primordial condição para que se emancipassem intelectualmente". "Ape-

nas o proletariado (...) agrupado nas grandes cidades está em posição de conseguir transformar verdadeiramente a sociedade, o que colocaria um fim à exploração de classes e ao controle exercido por qualquer classe".²¹

A atitude de Engels em relação à cidade moderna representava um paralelo à atitude de Marx frente ao capitalismo; ambos eram igualmente dialéticos. Marx rejeitava eticamente o capitalismo devido à exploração do operário e o afirmava historicamente ao socializar os modos de produção. Igualmente, Engels acusava a cidade industrial de ser um cenário opressivo ao trabalhador, mesmo que a considerasse historicamente como o teatro, por excelência, da libertação do proletariado. Da mesma forma que, entre a luta do grande capital e do pequeno investimento, Marx considerava o primeiro como uma força "necessária" e "progressista", na luta entre a produção urbana e a rural, Engels defendeu a cidade industrial ao considerá-la como o purgatório do camponês e do artesão da pequena cidade falidos, onde ambos deveriam ser purificados de qualquer servilismo e onde ambos deveriam desenvolver sua consciência proletária.

Qual posição a cidade ocuparia em um futuro socialista? Engels não elaborou qualquer projeto concreto. Mesmo que estivesse convencido de que a princípio dever-se-ia "abolir os contrastes entre cidade e campo que haviam sido extremados pela sociedade capitalista atual".²² Mais tarde, retomou, ao discutir a cidade do futuro, o antimegalopolitismo previsto pelos socialistas utópicos. Ele viu, nas comunidades-modelo de Owen e Fourier, a síntese cidade-campo e celebrou-a como a que inspirou a essência social, embora não a forma de existência futura. A posição antimegalopolitana de Engels era clara: "querer resolver a questão da moradia e ao mesmo tempo desejar manter a grande cidade moderna é um absurdo. Esta, contudo, será abolida apenas quando o modo capitalista de produção for abolido".²³ Sob o socialismo, a "íntima conexão entre produção agrícola e produção industrial" e "a distribuição da população por todo o país, tão uniformemente quanto possível... libertará a população rural do isolamento e da letargia" e trará os benefícios da natureza à vida da cidade.²⁴ Engels recusou-se a especificar mais precisamente suas idéias sobre os centros populacionais, mas toda sua discussão sugere uma grande afinidade ao ideal de pequena cidade, comum aos reformistas urbanos desde o final do século XIX.

Onde Adam Smith, baseado em uma teoria de reciprocidade entre o desenvolvimento urbano e o rural, viu a plenitude do homem urbano no retorno à terra como indivíduo, Engels encarou o socialismo como uma forma de unir os benefícios da cidade e do campo ao levar a cidade ao campo como entidade social; e, reciprocamente, a natureza à cidade. Durante três décadas, seu pensamento passou da rejeição ética da cidade, através da afirmação histórica de sua função libertadora, à transcendência do debate urbano/rural em uma perspectiva utópica: a síntese da *Kultur* urbana e da *Natur* rural na futura cidade socialista. Embora tenha criticado amargamente a cidade contemporânea, Engels recuperou a idéia de cidade ao integrar seus verdadeiros vícios à sua economia de salvação social.

No continente, uma nova geração de escritores na década de 1890 expressaram visões não muito diferentes das de Engels. Diferentemente dos romancistas sociais da década de 1840, eles não consideravam a vida pré-industrial como causa de alegria, nem viável às soluções cristãs ao moderno urbanismo. Emile Zola, em sua trilogia *Trois villes*, descreveu Paris como um poço de iniquidades. A mensagem cristã foi muito fraca e corrupta para regenerar a sociedade moderna; nem Lurdes nem Roma poderiam ajudar. A cura deveria ser encontrada onde a doença se localizava: na moderna metrópole. Aqui, longe de degradações, elevar-se-ia a moral humanista e o espírito científico que construiria uma nova sociedade. Emile Verhaeren, um ativo socialista, poeta de vanguarda, mostrou as modernas *Villes tentaculaires* sugando o sangue do campo. Verhaeren dividia juntamente com os arcaístas um forte sentimento em relação à vida das primeiras vilas e cidades, a horrenda vitalidade destas últimas, porém, transformou o sonho dos arcaístas na moderna realidade-pesadelo de intolerância e inaniidade que regia a vida urbana. O último ciclo de sua tetralogia poética, intitulada *Dawn*, mostrou que as energias industriais que, por cem anos, haviam mantido o homem oprimido e vil eram também as chaves para a salvação. As luzes vermelhas das fábricas anunciaram a aurora do homem regenerado. A revolução vermelha das massas trabalharia em favor da transformação.²⁵

Teriam os arcaístas desaparecido no final do século? Não. Eles ressurgiram com vigor redobrado, as flores do mal do nacionalismo totalitário: Léon Daudet e Maurice Barrés na França e os literatos protonazistas na Alemanha. Una-

nimemente censurando a cidade, eles investiram não contra a cidade como vício, mas contra as pessoas como viciadas. Os ricos liberais urbanos eram os melhores aliados dos judeus; os pobres urbanos eram a massa deprimida e sem raízes, suportes do socialismo materialista dos judeus. De volta às províncias, à verdadeira França, clamavam os novos direitistas! De volta ao solo onde a vida flui livremente, clamavam os alemães racistas. Os protonazistas alemães - Langbehn, Lergade, Lange - juntaram ao culto do campo virtuoso o burgo medieval idealizado por Fichte. Mas se Fichte utilizava seu modelo arcaico para democratizar a vida política alemã, seus sucessores o empregaram na revolução de rancor contra o liberalismo, a democracia e o socialismo. Fichte falou por uma classe média que se elevava; seus sucessores protonazistas, por uma insignificante pequena burguesia que se sentia caindo, atacaram o grande capital e a grande mão-de-obra. Fichte exaltou a cidade comunitária contra o *Residenzstadt* despótico; seus sucessores contra a moderna metrópole. Em resumo, quando Fichte escrevia na esperança de um comunitarismo racionalista, os protonazistas escreveram como frustrados irracionais do solo-e-vida.

A segunda onda arcaica pode ser mais facilmente distinguida por sua antipatia pela idéia do homem da cidade como vítima. As atitudes de simpatia passaram por 1900 principalmente com os futuristas, os reformistas ou revolucionários sociais que aceitaram a cidade como um desafio social e esperavam poder capitalizar suas energias. Os demais arcaístas viam a cidade e sua população não com lágrimas de piedade, mas com amargo ódio.

Como o conceito de cidade como vício pode ser comparado ao conceito de cidade como virtude de um século atrás? Para os futuristas de 1900 a cidade tinha vícios, da mesma forma que para Voltaire e Smith ela tivera virtudes. Tais vícios, porém, acreditavam os futuristas, poderiam ser superados pela energia social nascida na própria cidade. Os neo-arcaístas, ao contrário, inverteram totalmente os valores de Fichte: para este a cidade havia encarnado a virtude na forma social e deveria excedê-la; para aqueles a cidade encarnava o vício e deveria ser destruída.

Por volta de 1850, surgiu na França um novo modelo de pensar e sentir que havia, paulatinamente, vigorosamente, estendido seus domínios sobre a consciência ocidental. Não exis-